

**RELAÇÃO ENTRE SUJEITO, TURISMO E TRABALHO: JARDIM
BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE (RIO GRANDE DO SUL, BRASIL)**

**RELATIONSHIP BETWEEN SUBJECT, TOURISM AND WORK:
BOTANICAL GARDEN OF PORTO ALEGRE (RIO GRANDE DO SUL, BRASIL)**

**RELACIÓN ENTRE SUJETOS, TURISMO Y TRABAJO: JARDÍN BOTÁNICO
DE PORTO ALEGRE (RIO GRANDE DO SUL, BRASIL)**

Denise de Souza¹

Susana de Araújo Gastal²

Luciene Jung Campos³

Resumo: O artigo embasou suas análises na relação Turismo e Trabalho no espaço do Jardim Botânico de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil), local de possibilidade turística. As análises foram realizadas a partir do Dispositivo Teórico Analítico da Análise do Discurso Francesa, utilizando também conceitos da abordagem teórica da Psicodinâmica do Trabalho. O objetivo foi analisar os sentidos na relação do trabalhador com o visitante no jardim. Foi possível, a partir das análises, evidenciar a contradição entre a imagem de Parque para alguns trabalhadores e visitantes, e a imagem de espaço de preservação para outros. Através das falas dos jardineiros descrevendo situações de seu trabalho e o contato com o visitante, evidencia-se a preparação para o recebimento do outro e os aspectos da hospitalidade na relação do trabalhador com o visitante.

Palavras- Chave: Turismo; Trabalho; Jardins Botânicos; Análise do Discurso.

Abstract: This study analyzed the relation between Tourism and Work in the space of the Botanical Garden of Porto Alegre, place of tourist possibility. The analyzes were based on the French Discourse Analysis, also using concepts from the theory of Work Psychodynamics. The

¹Professora Universidade La Salle. Email: des1301@gmail.com

²Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Turismo PPGTUR/UCS. Email: susannagastal@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Turismo PPGTUR/UCS. Email: ljungdecampos@gmail.com

objective was to analyze the relation of the worker with the visitor in the garden. From the analyzes it was possible to show the contradiction between the image of the place as a park for some workers and visitors, and the image of preservation space for others. In the words of the gardeners describing situations of their work and the contact with the visitor, it was evident the preparation to receive the other and the aspects of hospitality in the relation of the worker with the visitor.

Key Words: Tourism; Job; Botanical Gardens; Discourse Analysis.

Resumen: Este estudio analizó la relación entre Turismo y Trabajo en el espacio del Jardín Botánico de Porto Alegre, lugar de posibilidad turística. Los análisis se realizaron con base en el Análisis del Discurso Francés, utilizando también conceptos de la teoría de la Psicodinámica del Trabajo. El objetivo fue analizar la relación del trabajador con el visitante en el jardín. De los análisis fue posible mostrar la contradicción entre la imagen del lugar como parque para algunos obreros y visitantes, y la imagen de espacio de preservación para otros. En palabras de los jardineros que describen las situaciones de su trabajo y el contacto con el visitante, fue evidente la preparación para recibir el otro y los aspectos de la hospitalidad en la relación del trabajador con el visitante.

Palabras- clave: Turismo; Trabajo; Jardines Botánicos; Análisis del discurso.

TRILHAS INTRODUTÓRIAS

Na interação com os espaços turísticos, as pessoas constroem relações que, se fraternas, de parte a parte, promoverão laços mais significativos entre os envolvidos entre si e com o lugar. Se entre essas pessoas estiverem os trabalhadores no local, justifica-se a importância de melhor conhecer as relações e os sentidos do trabalho. Entre os espaços que vêm crescendo em termos de atratividade turística, estão os jardins – aí incluídos os jardins históricos e os jardins botânicos.

Os jardins botânicos, segundo a legislação brasileira, são áreas protegidas, constituídas, no seu todo ou em parte, por coleções de plantas vivas cientificamente reconhecidas, organizadas, documentadas e identificadas, com a finalidade de estudo, pesquisa e documentação do

patrimônio florístico do País, acessível ao público, no todo ou em parte, servindo à educação, à cultura, ao lazer e à conservação do meio ambiente (BRASIL - CONAMA, 2013).

Beni (2008) evidencia os jardins botânicos como “atrativo turístico” (p.341) e como “equipamentos turísticos, que contam com áreas destinadas ao lazer com tratamento paisagístico” (p. 335), atraindo turistas. Silva, Carvalho e Tomás (2013) destacam o valor dos jardins históricos e, conseqüentemente, dos jardins botânicos como patrimônio, expondo mais uma relevância do espaço para o turismo. Conell (2004) realizou estudo na Grã-Bretanha, onde os jardins são locais tradicionais e diferenciados, além de valorizados pela população local. Ele cita mais de 16 milhões de visitantes por ano, destacando que apesar de os jardins serem parte da herança cultural inglesa, não são valorizados da mesma maneira que os museus e galerias de arte, por exemplo. Bediaga (2007) destaca as relações afetivas dos visitantes com os jardins botânicos, pelos seus aspectos artísticos e históricos, ressaltando que a pesquisa científica neles desenvolvidas, no entanto, acaba sendo de mais difícil percepção para os visitantes. Assim como o patrimônio vegetal, mesmo que o jardim passe a ter significância turística, todos os envolvidos com a área [o que inclui os trabalhadores do jardim] estão interligados de alguma forma com os estudos e pesquisas ali realizados.

No Brasil, considerando-se a visitaçã, destacam-se os jardins botânicos do Rio de Janeiro e Curitiba, o primeiro recebendo aproximadamente 600 mil visitantes por ano (IPJBRJ, 2008). Silva e Biondi (2012) analisam dados de 2007 e 2009, para apresentar o Jardim de Curitiba em primeiro lugar no *ranking* de atrativos turísticos mais citados, naquela cidade, atraindo residentes [37%], visitantes do Paraná [24%] e de outros Estados e países [39%], procurando o local por lazer [44%], turismo [42%] e outras motivações, entre elas estudos [14%].

Os números de visitaçã mais recentes disponíveis para consulta, do Jardim Botânico de Porto Alegre⁴ mostram que, em 2014, o Jardim recebeu mais de 70 mil visitantes (FZB, 2014). Um número significativo e que demanda trabalho para atendimento e manutençã das estruturas

⁴ A Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul [FZB-RS] é o órgão responsável pela administração e manutençã do Jardim Botânico de Porto Alegre. Em 2003 o JBPOA foi declarado Patrimônio Cultural do Estado e em 2004, houve o lançamento oficial do Plano Diretor, ferramenta que definiu os objetivos do local e conseqüentemente vem auxiliando no planejamento das ações e é utilizado como fonte de informações (FZB, 2008). Sua atual estrutura destaca o arboreto, orquidário e cactário, viveiro e venda de mudas. Seus programas de educaçã e interpretaçã patrimonial contam com centro de atendimento aos visitantes. Em termos de serviços há anfiteatro, lancheria, sanitários, estacionamento (FZB, 2014).

do espaço. O local, além de ser um importante espaço de conservação da biodiversidade, está identificado pela Secretaria de Turismo (2014), como um dos pontos turísticos da cidade. Dados da instituição de Porto Alegre registram o interesse de pessoas de outros países quando a motivação da visita é a pesquisa e a busca por conhecer a flora local, já que o Brasil é reconhecido pela diversidade biológica do mundo. Enquanto “o visitante local, busca por uma área de lazer, de convívio com a natureza e para realização de trilhas e caminhadas” (FZB, 2014, p.31).

Considerando tal contexto, a pesquisa relatada neste artigo foi desenvolvida ouvindo-se jardineiras e jardineiros do Jardim Botânico de Porto Alegre, com dados coletados em 2015, com o objetivo de demonstrar os sentidos na relação dos mesmos, trabalhador no local, com o[s] visitante[s]. Buscou-se, através de entrevistas, conhecer suas falas, mas também considerar o não dito, atendendo princípio básico da Análise do Discurso [AD], metodologia proposta para pesquisa. Para a AD, os sentidos não são identificados em uma primeira impressão, mas em profundidade.

PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Orlandi (2001, p.3) afirma que “para compreender é preciso teorizar. É preciso não só se reconhecer, mas fazer o esforço de conhecer. É aceitar que a linguagem não é propriedade privada. É social, é histórica. Não é transparente.” Não sendo transparente, para compreender um discurso é preciso entender que o sentido do que está sendo dito pode ser outro e que, mesmo que se designe um sentido, ainda assim ele pode ser outro. “A incompletude, a divisão, o político, o inconsciente, a ideologia, as diferenças são uma constante para quem aprende análise de discurso. Daí a teorizar a leitura e afirmar que o sentido pode ser outro é só um passo” que resulta em análises (ORLANDI, 2006, p.2). Para construção desse campo teórico, que envolve inconsciente e ideologia, que se expressa na[s] fala[s], a Análise de Discurso constrói-se a partir de três áreas de conhecimento: Psicanálise, Materialismo Histórico e Linguística.

A abordagem teórica da Psicodinâmica do Trabalho também contribui para com a pesquisa realizada, ao elucidar os aspectos do Trabalho como campo de estudo. Esta abordagem foi proposta por Christophe Dejours, pesquisador especialista em Medicina do Trabalho e em Psiquiatria, que evidencia o trabalho como atividade transformadora do sujeito, intrincada com as relações de poder. No presente estudo estão, de um lado, sujeitos trabalhadores como visitantes

em um jardim e, do outro, sujeitos trabalhadores em atividade. Dejours (2004, p.28) afirma que “o trabalho sempre coloca à prova a subjetividade, da qual esta última sai acrescentada, enaltecida, ou ao contrário, diminuída, mortificada”. O mundo interno do sujeito é transformado: “trabalhar constitui, para a subjetividade, uma provação que a transforma” (DEJOURS, 2004, p.30). O trabalho é de extrema relevância na vida dos sujeitos, está além das percepções do senso comum, já que envolve relações sociais que “se constituem por disputas de poder que posicionam os sujeitos de forma desigual” (LARA JUNIOR, 2013, p.2).

As análises e investigações aqui propostas, portanto, estão ancoradas na Análise do Discurso de origem francesa, como dispositivo teórico analítico. Nessa perspectiva, as informações adquiridas com os jardineiros não abordam somente a realização de suas tarefas no trabalho, mas atentam aos aspectos que concorrem em seu trabalho e no contexto social, histórico e político, para analisar a construção dos sentidos.

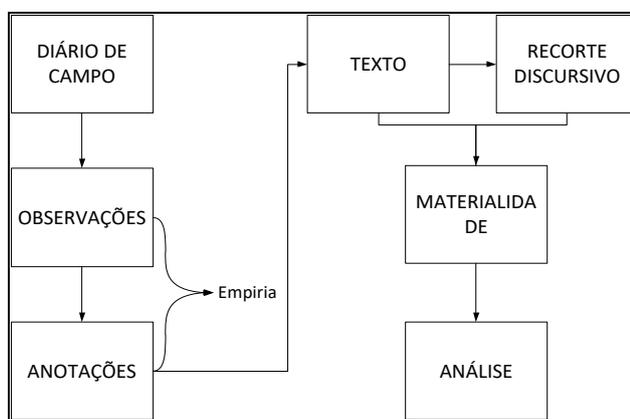
Para Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), há influências diretas e indiretas, conscientes e inconscientes do pesquisador, na ciência que produz, tendo em vista que tal produção sofre interferências de sua história e de seu funcionamento psicológico. Os autores, abordando o mesmo contexto de interação, fazem uma importante conexão com a intersubjetividade [a relação entre sujeitos], do pesquisador e do participante entrevistado, afirmando que “o privilégio concedido à intersubjetividade influi sobre a própria prática do pesquisador e sua metodologia” (p.15). Estão compartilhando, assim, com os mesmos princípios metodológicos deste estudo, pois “compreendemos que só entrando numa relação intersubjetiva com os trabalhadores é que teremos a chance de ter acesso à realidade” (Idem).

A Análise do Discurso atua com materialidades de pesquisa para desenvolver o dispositivo teórico analítico, que neste caso foram às entrevistas com os Jardineiros e observações com anotações em diário de campo. Os diários são um "registro pessoal de eventos diários, observações e pensamentos" (PATTERSON, 2005, p.142). Utilizou-se o diário de campo na pretensão de uma aproximação menos formal durante a abordagem inicial aos jardineiros, e para registro dos silêncios observados, possíveis reveladores de sentidos do trabalho por eles realizado. As primeiras aproximações e conversas informais se deram enquanto os Jardineiros executavam seu trabalho.

Anotadas as observações, as mesmas auxiliaram na readequação do roteiro de entrevistas, no segundo momento, integrais e formais [Fig.1]. As anotações estão identificadas como RD,

por serem recortes do Diário de Campo. O recorte referido sob esta perspectiva “é tomado como uma unidade discursiva significativa, a partir da qual a interpretação estabelece um percurso de remissão a um determinado texto” (INDURSKY; MITTMANN E LEANDRO FERREIRA, 2011, p.235). Nos recortes [RDs] estão algumas reações à abordagem e comentários dos trabalhadores, sendo, portanto, registro de parte importante para utilização na pesquisa e fundamentais na composição do Dispositivo Teórico Analítico.

Figura 1. Esquema de análise das anotações de Diário de Campo



Fonte: Elaboração Própria (2015).

As entrevistas⁵, em formato semiestruturado, contemplaram perguntas gerais previamente elaboradas e também questionamentos a partir das falas anteriores dos jardineiros, seguindo anotações em Diário de Campo e buscando aprofundamentos, delimitados pelos objetivos da pesquisa em termos de questões sobre o trabalho e sobre as relações com visitantes. As entrevistas foram registradas em gravações de voz e transcritas conforme as formulações dos jardineiros. Para análise, as falas são tomadas enquanto texto. Os recortes, confrontados com os eixos teóricos, formam a sequência discursiva [SD], ou seja, trechos das falas com fatos que [co]respondam aos objetivos da pesquisa: os sentidos do trabalho em um espaço de preservação e espaço de lazer e a relação do trabalho dos jardineiros com os visitantes. A partir daí os textos

⁵ Todos os entrevistados assinaram termos de consentimento, permitindo o uso das gravações para os fins da pesquisa.

tornam-se discursos, analisados sob a perspectiva da Análise do Discurso, no seu contexto da Psicanálise [relação com o inconsciente], do Materialismo Histórico e da Linguística.

Leandro Ferreira (2001) refere-se ao sentido como “a expressão que não existe em si mesmo, só pode ser constituído em referência às condições de produção de um determinado enunciado, uma vez que muda de acordo com a formação ideológica de quem o [re]produz” (p.21). Não há sentido único, pois este é atribuído pelo sujeito que enuncia, em razão da sua ideologia e do lugar de sua fala, em razão dos discursos que o constituíram. “Atravessado pela linguagem e pela história sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso à parte do que diz” (ORLANDI, 2001, p.48). Este sujeito é assim “determinado, pois se não sofrer efeito do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e a história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos” (Idem, p.49).

O conceito de *sujeito*, neste estudo, é aquele constituído a partir do laço entre inconsciente e ideologia, pois o sujeito “não está na origem do dizer, pois é duplamente afetado, pessoalmente e socialmente” (INDURSKI, 2008, p.11). Para a AD, o sujeito é “constituído pelo esquecimento daquilo que o determina, ou seja, não se dá conta de sua constituição por um processo do significante no funcionamento da linguagem na interpelação ideológica e na identificação imaginária a determinados sentidos” (MAGALHÃES E MARIANI, 2010, p.402).

Para o analista de discurso interessa menos o rastreamento de dados históricos em um texto, com datas e personagens, e mais a compreensão de como os sentidos são produzidos na história que é documentada, narrada: “A conjunção linguagem-história é o que os estudos discursivos chamam de forma material, não abstrata para produzir sentido” (CAMPOS, 2011, p.11). O sentido nunca é dado, ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social, daí a necessidade de se falar em efeitos de sentido (LEANDRO FERREIRA, 2001, p. 21). No Jardim Botânico, o que os jardineiros falam sobre seu trabalho, possui sentidos percebíveis *a priori* e outros que não são percebidos.

PERCURSO DO ESTUDO EMPÍRICO

Em anotação no Diário de Campo (17.10.2014), a fala de um dos jardineiros demonstra a percepção da relação do Jardim Botânico com o Turismo: “*Aqui é lugar de turismo, é óbvio que*

é.” Considera-se que o Turismo é um serviço e, assim, “ao contrário da produção de bens materiais, com produtos palpáveis para serem utilizados, os serviços são intangíveis, dificultando a avaliação dos resultados de trabalho, prejudicando a construção da identidade do sujeito” (BOYER, 2003, p.25). No caso dos jardineiros, a avaliação do trabalho se dará pela fala do outro, do visitante, daquilo que o outro permite que o jardineiro perceba durante a realização do seu trabalho. A dupla expectativa em relação à área – o lazer e a pesquisa científica –, numa decorrência óbvia, geram conflitos e contradições de uso, de expectativas, de olhares sobre a paisagem construída no Jardim Botânico, por diferentes tipos de frequentadores. Os próprios trabalhadores descrevem essas diferenças em suas falas, registradas nas sequências discursivas a seguir:

[SD1] *O que mais nós vemos são pessoas que vem fotografar, ou pais que vem trazer crianças, pra passear. Às vezes tem pessoas que marcam encontros... Encontros de amigos, encontros de família. Eu acho tão bonito.* (J5)

[SD2] *A maioria vem aqui achando que é um parque mesmo, pra lazer, pra tirar foto com florzinha, pra tirar foto de modelo. Esses dias tinha uma modelo tirando foto de biquíni dentro do lago, dentro do lago! Daí o vigilante teve que ir lá e dizer pra sair.* (J4)

[SD3] *Pessoas se encontrando, gente fazendo piquenique, têm turistas, turistas estrangeiros, ou a gente aqui da volta.* (J2)

[SD4] *Gosto de ver os velhinhos passeando.* (J5)

A fotografia é descrita pelos jardineiros, como sendo um dos motivos de visita ao Jardim Botânico, o que leva a que seu local de trabalho seja colocado como atrativo no viés paisagem, imagem, belo, e não apenas pela presença da natureza. O trinômio exige que a natureza seja traduzida e montada em cenários, que eles criam ou desenvolvem junto com o corpo técnico, inevitavelmente considerando o pensamento de um outro, visitante, que acaba por determinar o que deve ser feito, o que deve ser ‘belo’, independente das razões técnico-científicas.

Historicamente, nem sempre o ‘belo’ condicionou o olhar sobre a natureza. Olhar a natureza é uma construção de sentido que envolve a criação da concepção de paisagem, a partir do Renascimento, e que ganhou considerável evidência com o Romantismo. Nesse percurso de construção de sentido, migra-se das culturas tradicionais, onde “o indivíduo e a Natureza seriam uma coisa só; nela inseridas, as pessoas não poderiam lançar o olhar sobre, caracterizando o distanciamento que permitisse olhá-la como um objeto, ou seja, um outro separado de mim” (GASTAL, 2008, p.3). A autora apresenta, ainda, a visualidade como uma das marcas do

momento pós-moderno, entre outros, possibilitada pelo avanço tecnológico: “a fotografia torna-se uma forma importante de registro visual, ou seja, de memória” (GASTAL, 2008, p.23). À fotografia seguem-se o cinema, o vídeo, os conteúdos computadorizados e a intervenção agora recorrente, do *design*.

O olhar vai sendo condicionado a “cada filme que se assiste, a cada exposição de arte que se percorre, a cada viagem que se faz, vamos acumulando experiências visuais e outros conhecimentos” (p.30), alimentando imagéticas muitas vezes diferentes entre aquelas dos sujeitos jardineiros e a dos sujeitos visitantes. O padrão ‘belo’, fruto das intervenções do *design* e da tecnologia, expressos em muitos suportes e mídias, leva à presença da ideologia interpelando o sujeito para que ele acredite que o ‘belo’ é uma evidencia inerente ao olhar, portanto universal, e que o que é ‘belo’ para um, o seria para todos.

Em aproximação semelhante, Maffesoli (2001) afirma que não é a imagem que produz o imaginário [ou, poderíamos acrescentar, a ideologia expressa no ‘belo’] e sim a existência de um imaginário [ideologia] é que determina a existência de um conjunto de imagens [no caso, tidas como ‘belo’]. Retomando a teorização da Análise do Discurso, se o sujeito é interpelado pela ideologia de forma inconsciente [e ideológica], pode-se dizer que os visitantes chegam ao jardim com um imaginário já construído, que irá determinar sua forma de olhar e as demandas em relação à área e sua paisagem e os sentimentos associados como ‘reflexão’, ‘tristeza’, ‘alegria’, ‘prazer’, ‘lazer’... O Jardim Botânico ainda será semantizado como um espaço de ‘tempo livre’, ‘lazer’, ‘entretenimento’, sendo que os frequentadores podem ser levados a crer que trabalhar nesse local seria, em decorrência, uma forma de lazer (TOMAZZINI E MACÊDO, 2010), o que na verdade foge da realidade dos jardineiros, que sofrem com a organização do trabalho como qualquer outro trabalhador do Turismo.

Gastal (2008, p.26) explica que valorização da “dimensão estética” de todos os contextos gerou demandas que afetam o Turismo, “com exigências para além das pertinentes ao seu uso e desfrute, pois a eles deve ser agregado um padrão estético de qualidade: eles devem ser belos ao gosto contemporâneo” (p.29). Os jardineiros sentem o peso de trabalhar para criar e manter o padrão estético assim demandado pelo visitante, que passa a pautar a execução de suas tarefas, trazendo discursos opostos às formações ideológicas no espaço.

Os que buscam o espaço botânico apenas para lazer, em muitos casos corroboram que, na atualidade, “a natureza é mais um produto culturalizado e dilatado como mercadoria [que pode

ocorrer] na forma de ecoturismo, de jardins botânicos e zoológicos, de produtos organicamente corretos, de objeto de estudos acadêmicos, de paisagismos ou mesmo na forma de paisagem” (GASTAL, 2013, p.126). Se frequentado associado a mais um tipo de consumo, o reconhecimento do trabalho do jardineiro algumas vezes virá por meio de elogios à paisagem do jardim, ou talvez por meio da contemplação do seu trabalho enquanto ele o executa. Um olhar de visitante que percebe o espaço como visualmente atrativo para fotografias, encontros, descanso da mente, ou para uma fuga dos meios tradicionais de lazer ou de lugares massificados.

Como o turismo de massa representa uma opção padronizada, “as buscas por experiências personalizadas permitiram aos lugares e paisagens uma centralidade turística, à custa do que representam para o sujeito” (SILVA; CARVALHO E TOMÁS, 2013, p.632), proporcionando a possibilidade de experiências em “termos lúdicos, de bem-estar, sociais e sensoriais, mas também muito por causa das suas narrativas e simbologias intrínsecas e que constituem muitas vezes a causa do efeito” (SILVA; CARVALHO E TOMÁS, 2013, p.632). Os jardins botânicos permitem a vivência dessas experiências ao visitante e do turista, que “redescobre, assim, aquilo que o artista sempre soube [...] que as cores da natureza foram sempre para o homem aquelas que melhor se harmonizam com as profundidades da sua vida mental” (CASTEL-BRANCO, 2002, p. 9).

As contradições aparecem nas falas dos jardineiros, que em diferentes momentos descrevem o local como parque e como espaço de preservação. A contradição não é um acidente do discurso e sim o princípio da historicidade do discurso (ORLANDI, 2000), é a presença histórica ideológica, reproduzindo-se, naquele que não consegue visualizar o local como um espaço de preservação e como espaço de lazer. As contradições são constituídas em um momento histórico dado, e para uma formação social dada, pelo conjunto complexo de ideologias que a formação social comporta (PÊCHEUX, 1988). “Toda prática discursiva, está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas, o que vem a caracterizar a materialidade da instância ideológica, da ideologia, por condições históricas reflexas nas práticas discursivas” (PÊCHEUX, 1988, p.213). As falas evidenciam essas contradições:

[SD5] *Ah, tem visitante de todos os tipos, né. Tem o pessoal que vem aqui só pra tirar foto, tem o pessoal que vem aqui e eles querem ver flor: Ah, onde é que tem flor, a gente quer tirar foto de flor. Eles não têm noção de todo*

Jardim Botânico, do que é, do que significa... Sabe, eles só querem tirar foto de florzinha, só querem: Ah, sabe, só quero dar comida pra tartaruga... Sabe, eles acham que isso aqui é um parque, ne. (J4)

[SD6] *Já tem as pessoas que são mais instruídas, já sabe qual é o intuito de ter esse Jardim Botânico, do porque, né, que é preservação, que não é pra ser um parque. Tem gente que pergunta se tem churrasqueira aqui [...] porque lá no Zoológico⁶ tem, daí eles acham que aqui tem... Mas tem de todos os tipos assim* (J4).

A consciência, pelo frequentador, de que um jardim botânico é lugar de lazer, mas também de preservação, é a mesma que falta a maioria das unidades de conservação abertas para visitação. Uma das possibilidades de atuar nessa contradição seria através de políticas de educação patrimonial e da educação ambiental. Em anotação realizada no Diário de Campo, um trabalhador descreve essa união entre a natureza produto, com a preocupação preservacionista:

[RD] Trabalhador [...], relatou que no inverno vende mais plantas, que costuma sugerir [...] normalmente as que estão ameaçadas de extinção e as pessoas acabam levando por estarem ameaçadas (DIÁRIO DE CAMPO, 15-10-2014).

A função preservacionista permite pensar nos jardins botânicos como espaços museológicos, com “a delicada tarefa de serem intermediários entre o passado, o presente e o futuro das sociedades” (FLÓREZ *et al*, 2012, p.5). Essa concepção pode se constituir em outra linha de pensamento para trabalhar a contradição lazer - preservação. Como colocado anteriormente, entre as funções dos jardins botânicos, além da pesquisa, está a de preservação de espécies da flora, aliás, a primeira sendo decorrência da segunda, pois o acervo é o material empírico com que trabalham os pesquisadores. Assim, a função lazer deve conviver também com a de acervo de espécimes [musealização] que estão em um ambiente diferente do seu de origem [preservação *ex situ*] e com aquelas nativas do lugar, que também devem ser mantidas [preservação *in situ*] para fins futuros.

As coleções são apresentadas, na forma tradicional, com espécimes dispostos no espaço considerando-se sua classificação científica e a decisão técnica dos pesquisadores e técnicos responsáveis pela área (FLÓREZ *et al*, 2012), preferencialmente associadas a técnicas de paisagismo. Ao trabalhador jardineiro é importante que possa inserir-se como partícipe, tanto no contexto científico, sendo visto como também responsável pela preservação das coleções, como no incentivo ao visitante, para que também faça o mesmo, como foi possível observar no Jardim Botânico de Porto Alegre.

⁶ A Fundação Zoobotânica do RS, que administra o Jardim Botânico, também é responsável pelo Zoológico localizado no município de Sapucaia, no mesmo Estado.

Mas, o jardineiro irá atuar, ainda, como aquele que recebe os visitantes. Ou seja, funções que ultrapassam o realizar tarefas ‘simples’ como corte de grama e podas. Nas SDs a seguir, surge à aliança entre parque de lazer e o local de preservação, quando os visitantes acompanham o trabalho do jardineiro e preocupam-se em saber, por exemplo, o que vai acontecer com plantas que estejam sendo retiradas. O jardineiro acaba por se envolver com os dois aspectos da visita. Ao mesmo tempo, a simplificação do trabalho do seu trabalho – vendo-o apenas como responsável pelo corte de grama – reforça a contradição entre lazer e preservação, quando poderia haver relação de aliança, já que os objetivos de criação do espaço contemplam os dois aspectos.

[SD7] A gente só não receita remédio, não tem poder pra isso, isso é coisa pra fitoterápico. A gente sabe o benefício e o malefício que ela [a planta] pode causar também. A gente sabe os usos, vê na TV, vê no jornal, eu to sempre lendo e isso me chama atenção. A planta é boa pra tal coisa, a gente passa essa mensagem dizendo que é bom também, mas nunca indicando que é pra tomar. (J3)

[SD8] Enxergam principalmente quando a gente tá fazendo algum trabalho muito pesado. Eles param pra olhar. O lago é uma coisa que eles param pra olhar a gente limpando o lago, perguntam o que é que a gente vai fazer com aquelas plantinhas que a gente tá tirando do lago, a gente diz que vai pro composto orgânico, ai eles acham muito legal e assim vai. Mas eles param pra ver nosso trabalho. (J4)

Questionados sobre a importância de seu trabalho para o Jardim Botânico, as falas dos jardineiros trazem a visitação como a maior relevância para seu trabalho. As SDs a seguir colocam que o local “seria um caos” sem seu trabalho:

[SD9] Se não existissem jardineiros aqui, isso aqui seria o caos. Ia ser muito complicado fazer uma visitação aqui, com a grama cobrindo na altura da cabeça [...] assim o trabalho mais básico, que seria o trabalho da limpeza, já é fundamental, porque se abandonar, isso aqui enche de grama, enche de mato nas vias, fica tudo alto fica sem condições. (J2)

[SD10] Eu acho realmente que um jardim botânico não pode ficar sem jardineiro. É fundamental. Precisa de um atendente, mas pra um parque que recebe visita, tem que ter... (J2)

[SD11] Ia ficar como quando a gente chegou, que tava bem largado. Teve até uma reportagem, na Band, que tava em estado de abandono. (J1);

[SD12] Muita gente, principalmente do Museu, mas logo quando a gente começou a conseguir botar o parque em dia, dizia: Bah!, que diferença vocês aqui. Tá bom, tá bem mais bonito aqui o parque. (J4)

A Psicodinâmica do Trabalho expressa este reconhecimento como a necessidade da validação social, como as condições sociais elaboradas no espaço psíquico privado que devem deixar de ser confidenciais para a validação: “o reconhecimento pela hierarquia e o reconhecimento pelos pares. Esses dois modos de reconhecimento não são equivalentes”

(DEJOURS ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.134). O primeiro é um reconhecimento da utilidade do trabalho e o segundo é um “reconhecimento de habilidade, de inteligência, de talento pessoal, de originalidade, até mesmo de beleza. [...] O reconhecimento traz também um benefício no registro da identidade, isto é, naquilo que torna este trabalhador um sujeito único, sem igual” (Idem, p.135).

Outras falas também podem ser traçadas como marcas da busca pelo reconhecimento do trabalho dos jardineiros, quando descrevem que a admiração do visitante traz o prazer no trabalho. Ferreira e Mendes (2001) afirmam que o sujeito vivencia o prazer pela sensação de bem-estar, pela satisfação no trabalho quando é permitida a expressão da sua subjetividade e criatividade. Alguns aspectos desses sentimentos são descritos nas falas:

[SD13] *Tem pessoas idosas também que muitas vezes ensina a gente, acaba passando uma informação que às vezes a gente não sabe, dá aquele incentivo, oh tá bem, tá legal, tá bem organizado. O Senhor tem tal coisa ali, tenho, vou ali e mostro.* (J3)

[SD14] *Admiram bastante o trabalho, isso ai deixa a gente com vontade de trabalhar mais, fico feliz.* (J3)

[SD15] *Elas [crianças] ficam muito encantadas quando me vê trabalhando assim em canteiro. Eu não posso deixar ela me ajudar, né, porque é o trabalho, a gente ganha insalubridade, pode ser que aconteça algum acidente.* (J1)

[SD16] *É um dos prazeres do trabalho, o trabalho que é bom de fazer e ainda tem um premio, ponto positivo assim, no final tu vê um trabalho bem feito que vai ser visitado, pessoal vai usufruir, isso é legal, é uma coisa que dá um prazer.* (J4)

[SD17] *Principalmente criança, assim, pedem pra tirar foto com a gente, com a ferramenta, eu acho muito legal, reconhecem muito assim.* (J1)

A abordagem do visitante ao jardineiro expõe aspectos da hospitalidade, pois de acordo com Grinover (2002, p.34), “oferecer e receber uma informação é um mecanismo de hospitalidade”. Camargo (2007, p.3) reflexiona sobre o desejo de que o sujeito seja hospitaleiro, que pode diferir do real sentido da hospitalidade, quando afirma que “há uma diferença entre entender a hospitalidade como algo desejável que aconteça num encontro (noção adjetiva) e entendê-la como um conjunto de peripécias que sempre acontecem (noção substantiva)”. O autor complementa que “no primeiro caso, confunde-se um juízo de realidade, o fato (o que é) e um juízo de valor (o que deve ser).” (CAMARGO, 2007, p.3).

Será que o jardineiro deseja ser hospitaleiro? Os jardineiros reconhecem o significado de sua presença no Jardim Botânico? O sentido de seu trabalho para a visitação no Jardim? Os questionamentos retomam o que foi descrito anteriormente sobre a necessidade dessa contradição entre parque de lazer e espaço de preservação tornar-se uma aliança, para que os trabalhadores possam ver seu trabalho como um trabalho para o Turismo e para que reconheçam sua importância que está muito além da manutenção do espaço. Para isso é preciso considerar os fluxos, a partir do Turismo, ou seja, “não só aprofundar laços com a cultura do lugar onde se vive, vê-lo como espaço qualificado inclusive, para autoexpressão, na qual se somam identidade e identificação” (GASTAL 2006 p.12).

O Prazer no trabalho, também presente nas SDs anteriores, estimula a criatividade, apesar de o Jardim Botânico ter um setor de paisagismo responsável por “criar cenários educativos e atrativos para apreciação e lazer, utilizando-se de plantas representantes da flora nativa e exótica” (FZB, 2014, p.63). Quem executa o que deve ser realizado são os Jardineiros. Por conta da escassez atual de recursos financeiros, nem sempre o que está planejado tem meios para ser executado, o que incita o trabalhador jardineiro a criar, assumindo características do trabalho artesanal. Trabalho artesanal como aquele que pode “assumir as facetas de um saber-fazer, uma prática, um trabalho, um produto, uma produção, uma criação, uma obra, um espaço onde o sujeito pode implicar seu desejo” (SIMON *et al*, 2014). Para Orlandi (2001, p.38), para “haver criatividade é preciso um trabalho que ponha em conflito o já produzido e o que vai-se instituir, passagem do irrealizado ao possível, do não sentido ao sentido”.

[SD18] *Eles têm um projeto, da horta também, alguma coisa a gente tá fazendo e alguma coisa é do próprio projeto, os canteiros aqui fui eu.* (J3)

[SD19] *Precisa de pilas⁷ e não vem, então à gente vai fazendo com aquilo que a gente tem, que é pedras, madeira. Aproveita que tem e vai improvisando.* (J3)

Mas além da execução do projeto, o trabalho do jardineiro é que irá manter esse cenário atrativo para apreciação, essa preocupação fica evidente nos discursos dos trabalhadores:

[SD20] *Vai lá e faz uma poda nelas quando avançam muito, dá liberdade pra passeio ali que tem no meio, também pra gente circular.* (J3)

⁷ Regionalismo Gaúcho, para expressar dinheiro ou valor financeiro.

[SD21] *Quem sabe a gente bota essa planta aqui e bota essa mais pra frente, vai aparecer mais e eles ah beleza assim.* (J1)

O trabalho dos jardineiros não é mediado por máquinas, como o do operário em indústrias, ou o de escritório, onde computadores têm o domínio das informações. O que Marx (1996) também explicita de uma forma semelhante, pois vemos o trabalho como algo humano, no entanto, o autor cita que a aranha realiza operações semelhantes às do tecelão, e a abelha pode sair-se melhor devido suas construções na colmeia, do que um arquiteto com seu saber acadêmico. Mas o que os distingue, “o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente” (p.298).

O trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1996, p.297).

O ser humano não somente transforma a matéria, mas também realiza nela aquilo que planejou. O jardineiro através de seu trabalho manual, braçal, artesanal, realiza na matéria natural, as plantas, o cenário pensado, que irá se tornar atrativo a visitação.

CONCLUSÃO

Dentre as análises expostas, o principal destaque seria a necessidade de alianças para que se possa visualizar o JBPOA como local de lazer e de preservação, cumprindo, portanto, seus objetivos de criação e proporcionando uma maior possibilidade para que o jardineiro e o visitante estejam em comunicação. Com isso, o saber do jardineiro carregará mais um aspecto importante: o da hospitalidade, em benefício próprio e dos visitantes.

Conforme os registros da Seção de Educação Ambiental, “o parque foi visitado em 2014 por 70.913 pessoas, sendo dessas 17.403 estudantes e 1.896 professores” (FZB, 2014, p. 24), números que pouco se alteraram em 2015 e 2016, evidenciando assim o cumprimento de um dos objetivos do Plano Diretor, de proporcionar acesso ao conhecimento sobre a biodiversidade do

Rio Grande do Sul. Mas o próprio plano, refere-se ao local como parque, induzindo referência ao lazer, considerando-se que, além de estudantes e professores, o restante dos visitantes esteve no jardim botânico por outros motivos de visitação. Os trabalhadores relataram ainda outro tipo de visitante do jardim⁸, aquele que é morador da cidade ou o turista cidadão, como abordado por Gastal e Moesch (2007).

Conforme as autoras, esse turista cria vínculos de cidadania com sua cidade em seu tempo de lazer, num padrão que foge aos modelos consagrados da sociedade industrial que ainda prevalecem, bem como das experiências do turismo massificado: “supondo-se o turismo como um fenômeno essencialmente humano, que coloca as pessoas em deslocamento para além de suas rotinas espaciais e temporais, ele também tem sua contribuição a dar nessa área [da cidadania], o que tem sido feito na figura do *turista cidadão*” (GASTAL, 2006, p.1), que nesses termos compreende os fixos e se apropria dos fluxos, que assume a subjetividade em suas vivências (GASTAL E MOESCH, 2007).

REFERÊNCIAS

BEDIAGA, B. Conciliar o útil ao agradável e fazer ciência: Jardim Botânico do Rio de Janeiro – 1808 a 1860. **Revista História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, v.14, n.4, p.1131-1157, out.-dez. 2007.

BENI, M. **Análise estrutural do Turismo**. 13. ed. São Paulo: Senac, 2008.

BOYER, M. **História do Turismo de Massa**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BRASIL. Resolução Conama n° 266 de 03 de agosto de 2000. **Estabelece diretrizes para a criação de jardins botânicos**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res00/res26600.html>>. Acesso em: 09 dez.2013.

CAMARGO, L.O.L. **A pesquisa em Hospitalidade**. In: Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, p.1-24, 2007.

⁸Pesquisa exposta no Plano Diretor do JBPOA, demonstra que 71% dos visitantes reside em Porto Alegre ou Região Metropolitana e sua motivação de visita e o lazer, seguido pelo contato com a natureza (FZB, 2014).

CAMPOS, L.J. **Artesanato e Turismo: Transformações nos saberes e nas trocas**. Proposta de Projeto de Pesquisa – (Mestrado em Turismo) Universidade de Caxias do Sul, 2011.

CASTEL BRANCO, C. *et al.* **Jardins Históricos, Poesia atrás dos Muros**. Coleção Símbolos e Testemunhos Portugueses. Lisboa: Edições Inapa, 2002.

CONNELL, J. The purest of human pleasures: the characteristics and motivations of garden visitors in Great Britain. **Tourism Management**, v. 19, n.25, p. 229–247, 2004.

DEJOURS, C. Subjetividade, Trabalho e Ação. **Revista Produção**, Santa Catarina, v. 14, n. 3, p. 027-034, 2004.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. “Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor”: atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. **Revista Estudos de Psicologia**, Natal, v.6, n. 1, p. 97-108, 2001.

FLÓREZ, L.C. *et al.* Qual o discurso privilegiado nos jardins botânicos? Tensões e aproximações entre linguagem científica e linguagem leiga. **Revista Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – Unirio, v. 5, n.1, 2012.

FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Jardim Botânico de Porto Alegre**, 2014. Disponível em < <http://www.fzb.rs.gov.br>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

_____. Jardim Botânico de Porto Alegre. *Guia do visitante Jardim*. Porto Alegre: 2008. 100p. (Publicações avulsas da FZB, n.13) Disponível em: <<http://www.fzb.rs.gov.br/publicacoes/exemplares.htm>>. Acesso em: 09 dez. 2013.

GASTAL, S. Imagem, Paisagem e Turismo: a construção do olhar romântico. **Revista Pasos**. Espanha, v.11, n.3, p.123-133, 2013.

_____. **Da Paisagem Natural à Paisagem Cultural**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal, Anais, 2 a 6 de set, p. 1-15.

_____. **Turista Cidadão: uma contribuição ao estudo da Cidadania no Brasil**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília, Anais, 6 a 9 de set, p.1-15.

_____. **Turismo, Imagens e Imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

- GASTAL, S; MOESCH, M. Turismo, políticas públicas e cidadania. São Paulo: Aleph, 2007.
- GRINOVER, L. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: Dias, C. M. M. (Org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.
- INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S. *et al* (org.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- INDURSKI, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M.C.L. **Memória e história na/da Análise do Discurso** (orgs.). Campinas: Mercado das Letras, 2011.
- IPJBRJ - INSTITUTO DE PESQUISA JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO -**Jardim Botânico do Rio de Janeiro: 1808-2008**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.jbrj.gov.br/publicações>>. Acesso em: 01 dez. 2013.
- LARA JUNIOR, N. **Estudo da Ideologia: perspectivas metodológicas. In: VI Seminário de Estudos em Análise do Discurso – 1983-2013**. 2013, Porto Alegre, Anais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s/p. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/6SEAD/SIMPOSIOS/EstudoDaIdeologia.pdf>>. Acesso em: 05 jan.2015.
- LEANDRO FERREIRA, M. C. L. (org.). Glossário de Termos do Discurso: Projeto de Pesquisa. In: **A aventura do texto na perspectiva da Teoria do Discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001)**. Porto Alegre: Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2001.
- MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº15, 2001.
- MAGALHÃES, B; MARIANI, B. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, mai-ago. 2010
- MARX, K. **O Capital**. Traduzido por: BARBOSA, R. KOTHE, F. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- ORLANDI, E.P. Análise do Discurso: conversas com Eni Orlandi. In: BARRETO, R. G. **Revista Teias**. Rio de Janeiro, v.7, n.13, 2006.
- _____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes: 2001.
- _____. **Discurso e Leitura**. 5 ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

PATTERSON, A. Processes, relationships, settings, products and consumers: the case for qualitative diary research. **Qualitative Market Research: an International Journal**, v. 8, n. 2, p. 142-156, 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre Travel. **Porto Alegre:2014**. Disponível em: < <http://www.portoalegre.travel/site/home.php>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

SILVA, R.; BIONDI, D. Fatores motivacionais à visitação de áreas verdes – Estudo de Caso: Jardim Botânico de Curitiba, Paraná, Brasil. **Revista Geografar**. Curitiba Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia UFPR, v.7, n.2, p.26-42, dez. 2012.

SILVA, S.; CARVALHO, P.; TOMÁS, P.M.C. Os jardins no contexto do turismo pós-moderno: o caso de Portugal. **Revista Pasos**, Espanha, v.11, n.4, p.631-647, 2013.

SIMON *et al.* As Tramas do Render na Subversão do Rendar.In: **V Encontro do Semintur Jr-Caxias do Sul**, Anais, 2014. Mestrado em Turismo, Universidade de Caxias do Sul.

TOMAZZINI, T.; MACÊDO, K.B. As vivências dos trabalhadores de um Shopping Center em relação ao seu trabalho: uma abordagem Psicodinâmica. **RGO- Revista Gestão Organizacional**, Chapecó, v.3, n.2, p.210-224, 2010.

Artigo recebido em: 25/05/2017

Avaliado em: 04/09/2017

Aprovado em: 12/11/2017